

“A plenos pulmões”

(*) Guilherme Athayde Ribeiro Franco

Não disfarço a alegria de todos os anos, nesta época natalina, ter a oportunidade de compartilhar algumas linhas de saudade alegre com nossa gente querida de Matão.

Um rincão que está em todos os lugares pelos quais ando - física ou virtualmente.

Nosso elo afetivo [não disfarço também] é o movimento social MMV [Matão Mais Verde].

Neste ano, mais um elo ecológico e de preservação à saúde surgiu.

Pesquisando aqui e acolá pela rede, deparei-me com a grandíuva, periquiteira, *Trema Micrantha* - com vibrantes e reconhecidas propriedades ecológicas. Alimenta os nossos amigos alados [periquitos e outros], que por sua vez são dispersores de sementes [não só da periquiteira, como de quaisquer outras - que eliminam após processo digestório]. De rápido crescimento, é árvore arbustiva nativa excelente para reflorestar áreas degradadas.

O Matão Mais Verde, sempre atento, no plantio de novembro pp., deu então, berço a algumas mudas de periquiteira.

Essa árvore tem sido há alguns anos objeto de pesquisas na Universidade Federal do Rio de Janeiro [UFRJ], pois contém em suas folhas uma molécula, o CBD (Canabidiol), utilizado no tratamento de epilepsias de difícil controle.

O CBD é mais comumente encontrado em plantas do gênero *Cannabis*. Mas a diferença principal entre a *Trema* e a *Cannabis* é que na primeira não há o menor resquício do psicoativo THC (*Tetrahidrocannabinol*), substância que altera o sistema nervoso central, causa dependência, é associada a esquizofrenia, depressão, ansiedade, ideação suicida, acidentes de trânsito, absenteísmo no trabalho, violência interpessoal, síndrome amotivacional, déficit de atenção, concentração e memória, rebaixamento de Q.I., câncer [inclusive nos testículos], hiperêmese [quadro clínico de fortíssimos enjoos e mal-estar] e diversos males respiratórios [quando a utilização da droga é na forma de cigarro, cachimbo ou qualquer outro tipo de fumígeno].

Infelizmente, a periquiteira vive escanteada; não se lhe fez até hoje uma feira internacional, algum movimento na *mass media* ou um projeto de lei. Quiçá porque não “dá barato”, não causa dependência e não escraviza cérebros em formação.

Em relação à *Cannabis*, há um verdadeiro *tsunami de marketing* - sendo até anunciada como a “nova soja” para o agronegócio. Termos com forte apelo mercadológico, *Cannabis* (ou maconha) medicinal e *Cannabis* industrial ganham as páginas eletrônicas da grande mídia.

Sem nenhum fundamento científico, com sincero respeito. Alguém já viu plaquinha, na banca de frutas, de “banana medicinal” [porque contém triptofano, essencial à produção de serotonina - o hormônio do bem-estar]?

Aliás, por que não se investir no nosso CBD nativo da periquiteira, antes de se enredar em projetos nefastos, como **o PL [projeto de lei] 399/15 – que se aprovado permitirá, pasme!, o THC na lancheira escolar e na papinha do bebê?** Por que gastar o dinheiro naquilo que não é alimento de verdade, esquecendo-se a partilha que vem da “casa do pão”?

Não vai muito longe o tempo em que até Papai Noel anunciava cigarro e se prescrevia nicotina como “ansiolítico” para gestantes e nutrizes.

O THC [o “novo” tabaco?] está presente, além dos produtos fumígenos [cigarros convencionais ou eletrônicos - friso], **em comestíveis ou bebidas – com nítido apelo infanto-juvenil, intoxicando crianças de tenra idade.**

O desafio - para um ano renovado em esperança - é cuidar do meio ambiente externo e da ecologia cerebral [interna], tratando remédio com “cara” e gosto de remédio, avançando-se em pesquisas sem conflitos de interesses; e promover, a cada dia que passa, ambientes urbanos seguros e saudáveis, sem a “cultura da fumaça”.

Como seriam bem-vindas edições de leis [nos 5570 municípios do país] proibindo o uso de qualquer tipo de substância fumígena em praças desportivas, parques públicos e demais áreas de lazer. São iniciativas “smoke free” - incentivadas pela Organização Mundial de Saúde e pela PECT [Política Estadual de Controle do Tabaco], dentre outras valorosas instituições ou políticas públicas. Poucos sabem, mas o Ibirapuera paulistano é 100% livre de fumígenos desde 2019.

O Matão Mais Verde - e todos os demais apaixonados pela vida - há quase vinte anos vêm dotando a cidade de espaços de relevância ambiental inigualável - porque a cada criança que nasce, uma nova árvore é plantada neste solo belo e gentil.

Espaços prontos para que neles se possa “respirar em família”, na paz da sobriedade e a plenos pulmões.

(*) Promotor de Justiça em Campinas e cidadão matonense

Artigo originalmente dirigido ao Jornal Espaço 10 da cidade de Matão/SP.